

## Conferindo o estoque

# Jorio Dauster

Diplomata



**H**á excesso de autopsia na análise da crise econômica. Em sua maioria, os examinadores ficam debruçados sobre o mesmo corpo como se ali estivessem todas as respostas para os distúrbios da economia americana e seus efeitos colaterais mundo afora. Todos orbitam em torno das explicações comuns: alavancagem financeira, bolha dos subprimes, desvios dos agentes financeiros e falhas de regulação. Trata-se de uma avaliação superficial e reducionista. Para se entender o que ocorreu e, sobretudo, por que ocorreu, é necessário voltar no tempo e buscar nas raízes do sistema econômico, político e social dos Estados Unidos as causas para o maior baque financeiro do planeta nos últimos 80 anos. Esta crise estava escrita há pelo menos quatro décadas com a hegemonia do pensamento republicano nos Estados Unidos.

A premissa dessa pequena pensata é que os Estados Unidos são a locomotiva econômica do mundo e locomotivas não andam sozinhas. É preciso que o foguista garanta o combustível para o trem funcionar. Esse papel cabe ao consumidor americano, personagem que errou na

dose. O excesso de lenha produziu um consumo alucinado e a formação de todas as bolhas que resultaram na crise econômica. O foguista, no entanto, não pode ser considerado a instância final na hierarquia de responsabilidades da ocorrência dessa gangrena econômica. Alguém comandou esse espetáculo dramático. Alguém, neste caso, não é um personagem específico, mas um pensamento hegemônico.

O capitalismo, tal como apresentado pelos Estados Unidos, nasceu pelas mãos dos capitães de indústria, os Vanderbilt, os Rockefeller, entre outros. Sempre vigorou a ideia de que a força da economia norte-americana era baseada na produção; grandes empresas de petróleo, energia, estrada de ferro. A partir de 1930, quando os Estados Unidos assumiram a primazia da economia mundial, com o deslocamento da Inglaterra da condição de maior potência, o modelo das multinacionais começa a se tornar hegemônico. Eram empresas dedicadas à produção no setor rural. Elas tinham mercadoria física para vender. Foi esse o modelo americano que deu ao país a condição de grande potência mundial no Pós-Guerra.

## Desde 1970, são quase 40 anos de supremacia do Partido Republicano nos Estados Unidos

Dando um salto no tempo, chegamos à década de 70. Com as duas crises do petróleo, houve, em um curto espaço de tempo, a maior transferência de renda que o planeta assistiu. Os produtores de petróleo, em sua maioria, não tinham nem condições de gastar aquele dinheiro. Foi um fenômeno interessantíssimo! Lá estava o Oriente Médio, com fortunas paradas. O sistema bancário internacional, via Citibank, assumiu a responsabilidade de fazer aquele dinheiro circular, até porque as economias centrais, Estados Unidos e Europa, estavam em recessão por contra do aumento dos preços do petróleo.

Aquele momento representa o início do processo de financeirização da economia. Os capitães de indústria, as multinacionais, enfim, os grandes barões da economia real, são tragados em poucos anos. Trata-se de fenômeno extraordinário e, até hoje, mal entendido. Em um curto espaço de tempo, o poder foi transferido da economia de produção para a economia das finanças. As grandes empresas passaram a depender em tal grau deste novo sistema que tiveram de adaptar suas estratégias. Seu tempo mudou.

Passaram a se guiar por um horizonte de curtíssimo prazo, mais preocupadas com resultados de Bolsas e outros mercados. Era o fim da visão antiga de que as corporações tinham de atravessar séculos.

Do lado político-ideológico, essa nova economia avançou quando Richard Nixon assumiu a presidência dos Estados Unidos. E consolidou-se com a ascensão de Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Quando eles chegam ao poder, já existia uma nova visão de mundo influenciada pelos bancos. O impulso neoliberal encontra a base sólida para avançar. Na América, eram tempos republicanos.

Desde 1970, são quase 40 anos de supremacia do Partido Republicano nos Estados Unidos. Mesmo com os 12 anos de governo democrata – quatro de Jimmy Carter e oito de Bill Clinton – o pensamento republicano foi dominante. O próprio Clinton teve de dar uma guinada à direita e fazer uma série de concessões. Em seis dos seus oito anos de governo ele teve de lidar com maioria republicana no Congresso.

Nos Estados Unidos, um dos efeitos mais brutais da financeirização da economia nessas últimas quatro décadas foi o aumento da

## O cidadão americano precisava pagar iate, BMW, e sua casa com jardim

concentração de renda, na contramão de que tudo aquilo que caracterizou a sociedade norte-americana no pós-Guerra. Logo após a Guerra, que tirou os Estados Unidos da grande recessão, o índice de Gini no país chegou a 0,37, próximo ao da Europa. Era o raiar do American Dream. Houve um movimento real de democratização econômica e política. O americano exigiu a equalização. Todos queriam a casa no meio do gramado, os eletrodomésticos na cozinha e o carro na garagem. Foi lindo enquanto durou.

De 1950 para cá, o índice de Gini americano aumentou de maneira irrefreável. Já está acima de 0,45. O Brasil caminha na mão contrária e já conseguiu baixar para a casa de 0,5. Ou seja: parece incrível, mas os índices dos dois países estão se aproximando. Em poucos anos, a se manterem duas curvas atuais, o Brasil terá uma distribuição de renda mais equilibrada do que os Estados Unidos, algo impensável e impossível desde sempre.

### OLIGARQUIAS

As oligarquias norte-americanas tiveram papel decisivo na perpetuação desse modelo econômico e do próprio pensamento republicano. Um exemplo clássico, aos olhos de todos, é a dinastia Bush, que soube criar as condições favoráveis, sobretudo de natureza geopolítica, à sua entrada e permanência no centro do poder. George Bush, pai, vem de família do Leste dos Estados Unidos, gente de dinheiro. Um de seus grandes méritos foi ter identificado uma vacância política no Texas. Ele soube ocupar este espaço em uma terra que não era dele e dali construiu uma dinastia política, empurrando George, filho, para o governo do Texas e, depois, para a Casa Branca.

As oligarquias políticas nos Estados Unidos tinham esse poder, mas, com a financeirização da economia, ele mudou de mãos. Surgiu, então, o mandarinato do sistema financeiro. O poder saiu, de vez, do controle das famílias e grupos empresariais históricos e passou para a banca. Nos Estados Unidos, há a porta giratória. O sujeito faz três anos na universidade, quatro anos no governo e cinco em Wall Street. Fica rico até não poder mais e retorna para o governo! Esse giro permanente deslocou o centro de decisões nos Estados Unidos. Lawrence



Summers é um exemplo clássico. Fez Harvard e MIT, foi secretário de Tesouro no governo Clinton, retornou à vida acadêmica, como reitor de Harvard, e deu nova meia-volta, volver, regressando ao governo na gestão de Barack Obama. Antes de voltar a Washington, ficou dois anos em Wall Street, recebendo mais de US\$ 2 milhões por ano para trabalhar um dia por semana. Além disso, é sobrinho de dois Prêmios Nobel, Paul Samuelson e Kenneth Arrow. Trata-se, portanto, de um digno representante dessa nova oligarquia financeira e um personagem que soube usar a porta giratória para lá e para cá.

Esse mandarinato se apropriou de uma parcela enorme da renda nacional norte-americana e passou a ter o controle praticamente total do país. Os Estados Unidos se tornaram uma potência com poder centralizado em Wall Street. A economia real, por sua vez, foi obrigada a comer na mão dos donos das finanças mundiais. Eles achavam que esse poder era infinito até serem desmentidos pela maior crise econômica mundial desde 1929.

#### **CORES ARTIFICIAIS**

Do alto da pirâmide, o mandarinato financeiro provavel-

mente não conseguiu enxergar bem lá embaixo a base de tudo, o consumidor, o foguista da locomotiva que se desgovernou. O cidadão americano precisava pagar iate, BMW, e sua casa com jardim. O sistema, por sua vez, precisava engabelar esse consumidor deslumbrado para que ele não percebesse a perda do valor econômico de seus ativos. Era necessário manter vivo o *American Dream*, ainda que colorido artificialmente. O estamento dominante, então, valeu-se de três grandes formas para manter o consumo e garantir que a bicicleta continuasse rodando.

Em primeiro lugar, segurou o preço da gasolina. Para o americano, a filosofia do carro é extremamente importante. Todos os economistas, até os juniores, diziam que o governo tinha de criar um imposto para o combustível, como forma de conter o mercado de automóveis. Os Estados Unidos jamais mexeram um dedo nesta direção. Era necessário manter o ganso tranquilo, quase dopado.

A segunda muleta da economia foi o estímulo extraordinário ao excesso de consumo em todos os níveis, por meio do sistema de cartão, praticamente acabando com o dinheiro. Esse

modelo foi assegurado com a manutenção dos juros baixos por um prazo inaceitável. Resultado: nos anos 70, havia uma taxa de poupança americana em torno de 10%. Já não era grande, mas, com o passar dos anos, virou negativa. Foi realmente um negócio feito por loucos para iludir outros loucos. Insano! A população americana passou a viver acima das suas posses como sociedade. Antes da crise, para que o déficit interno fosse coberto, a economia americana tinha de pegar no exterior cerca de US\$ 2 bilhões por dia! O corpo parecia saudável, mas os sintomas da doença já estavam lá, principalmente a conta corrente e balança comercial negativas.

Finalmente, o terceiro pilar da economia artificial foi o crédito imobiliário. O último ato dessa loucura foi dar casa para todo mundo, sem preocupação com qualquer garantia de renda do mutuário. Mesmo aquele imigrante, sem papel, que não tinha nem renda para comer, passou a ter acesso a um imóvel de US\$ 250 mil! Nesse momento, a insanidade chegou ao ponto de ebulição. O mito da indestrutibilidade da economia americana começava a cair por terra. A imagem do Tio Sam ia ficando opaca.

Além da explosão do consumo, os Estados Unidos ainda precisavam financiar suas guerras contra o terrorismo. Toda esta combinação de fatores certamente levaria à precipitação do caos. Isso se não chegasse uma nova e animada parceira para a ciranda financeira. Surge, então, a simbiose com a China. Se La Fontaine reencarnasse nesse mundo de hoje, escreveria a fábula dos 240 milhões de cigarras americanas, bailando e consumindo mais do que tinha e 1,33 bilhão de formigas chinesas dizendo: “Deixa, comigo”. Desde que os Estados Unidos mantivessem o formigueiro. Cerca de 700 milhões de formigas chinesas ainda nem entraram nessa festa, mas há outros 600 milhões que estão empregados e resolvem a vida da colônia. Essa simbiose bilateral durou aproximadamente seis anos. A crise americana, aliás, só chegou a esses níveis tão absurdos de loucura porque a China ajudou a financiar e a esticar a corda da economia nos Estados Unidos.

A estripulia monetária americana só foi possível pela maquiagem orquestrada por todo o sistema. O americano acreditou no valor daquela nota verdinha. Por detrás desse processo, amparado na extrema necessidade

de se manter a percepção de um dólar indestrutível, há um forte componente histórico e político. O euro chegou para ameaçar os Estados Unidos. A reação americana à moeda americana foi feroz. Na visão deles, o euro era algo subversivo, criado com o interesse de minar o poderio histórico dos Estados Unidos. De fato, se tirassem o monopólio do dólar, o mundo passaria a ser outro. Charles de Gaulle já dizia: “Esses americanos rodam a máquina e compram o mundo!”

### ESTATIZAÇÃO

Não houve e ainda não há substituto para o dólar. Tanto que, no começo da crise, deu-se um paradoxo. Houve uma corrida ao Tesouro Americano, apesar de ali ser o foco do problema. O sistema financeiro estava quebrado, rigorosamente em frangalhos, o que exigiu sua nacionalização. Alguns têm usado de eufemismos e faz-de-conta, mas esta é a única verdade: os Estados Unidos estatizaram seu sistema financeiro. São mais de US\$ 14 trilhões, colocados a custo zero. Cifra esta que, certamente, não vai equacionar o problema. Ainda há muito papel podre dentro dos bancos americanos que nem sequer foi precificado.

A sensação geral é de que a crise americana acabou. A maioria olha apenas para o mercado financeiro e se esquece de que os gráficos da Bolsa não refletem a realidade da economia real. O consumidor parou de comprar loucamente e de se endividar. Mas por quantos anos ele manterá este comportamento? Vai agir dessa maneira por cinco ou dez anos. É, no mínimo, improvável. A própria China já percebeu que tem um problema pela frente. Ela precisará gerar consumo interno para substituir a queda da demanda mundial. A grande dúvida é a seguinte: com que velocidade o país conseguirá mudar uma economia que vendia bilhões de enfeites de Natal e flores artificiais?

O dilema mundial, e não apenas o chinês, é a atitude dos Estados Unidos daqui para frente. A custosa estatização conseguiu evitar uma quebradeira de proporções ainda maiores tanto no sistema financeiro americano como em outros países. A partir de agora, no entanto, o governo de Barack Obama terá de buscar soluções ainda mais agudas, de caráter longo, e não apenas emergenciais. Parece existir somente uma solução para o nó americano: um nível de endivi-

## O que vem entrando de dólar no país é uma gotícula perante a enxurrada de divisas por chegar

damento como o dos Estados Unidos se resolve apenas com inflação. É veneno para combater veneno. Como ele conseguirá fazer isso e, sobretudo, se terá apoio popular para isso, são questões fundamentais cujas respostas ajudarão a ditar os próximos passos da economia mundial.

Voltamos ao ponto que deu origem a toda a insanidade americana. Barack Obama terá a árdua tarefa de dobrar a ideologia republicana impregnada no país há quatro décadas. Ele vem tentando avançar na contramão do neoliberalismo dominante. O mundo hoje se pergunta sobre a força e a capacidade de sustentação política de Obama para avançar nessa empreitada. Todos reconhecem que ele pegou um encouraçado à deriva, mas a memória popular é curta. Se ele não tiver resultado, o apoio popular vai se esvaír e a reeleição ficará muito difícil.

### MUITO PRAZER, O BRASIL

Colocando-se todos estes ingredientes econômicos e políticos no mesmo caldeirão, chega-se à conclusão de que só há um caminho para fugir do dólar e das incertezas que cercam o futuro dos Estados Unidos: *commodities*. O mundo, obrigatoriamente, terá de marchar para o que existe de mais real e concreto na economia. Esse cortejo tem uma direção prioritária: o Brasil, o grande império de *commodities* do planeta. Esta corrida já começou, mas ainda a passos lentos se comparados ao que está por vir. O que vem entrando de dólar no país é uma gotícula perante a enxurrada de divisas por chegar. La Fontaine não sabia que, como resultado da farra entre a cigarra e a formiga, outros insetinhos iriam se dar bem. Vivemos um momento absolutamente histórico, com a economia e os agentes sociais gingando na cadência do samba.

Em 30 anos de vida pública, sempre fui perseguido pela ideia do potencial de grandeza do Brasil. De repente, descubro que esse dia, enfim, chegou. Não estou me referindo a um ponto futuro, mas, sim, ao mais absoluto presente. A vez do Brasil é agora. E, por isso, eu canto: “Brasil, meu Brasil brasileiro, meu mulato inzoneiro, vou cantar-te nos meus versos. O Brasil, samba que dá, bamboleio que

## Nada mais natural que o Brasil use sua liderança na América do Sul

faz gingar, o Brasil do meu amor, Terra de Nosso Senhor, Brasil, Brasil, pra mim, pra mim...”

Quando digo que chegou o momento do Brasil, olho mais uma vez para as condições históricas, não apenas do país, mas do próprio continente. Dentro do sistema fechado “Américas”, uma nação só cresce se houver redução do poder de outra. Portanto, qualquer avanço do Brasil será, inevitavelmente, em detrimento dos Estados Unidos. O que o país precisa é ser inteligente e hábil o bastante para mostrar que não está querendo roubar nenhum interesse americano vital. Se o Brasil estivesse contribuindo para impedir que a Venezuela exportasse petróleo para os Estados Unidos, teríamos, sim, um problema. O petróleo venezuelano representa 14% do consumo americano. Mas em questões que não afetam os interesses mais profundos dos Estados Unidos o Brasil não pode se ausentar. Existe um vazio de poder na América do Sul que não é exercido pelos Estados Unidos, simplesmente porque eles não querem. Nada mais natural que o Brasil ocupe esta vacância e se consolide como a grande liderança da região. Esse é o nosso espaço pertencido.

É importante frisar que o Brasil tem conseguido mudar a relação histórica com seus vizinhos. Nós fomos colonizados por portugueses; quase todos os demais países, por espanhóis. A inimizade vem lá de trás. Foram séculos de afastamento entre o Brasil e as demais nações sul-americanas, sempre descartando a ideia de estávamos no mesmo embrulho geográfico. Até pouco tempo atrás, Brasil e Argentina tinham em seus Estados Maiores planos de guerra um contra o outro. E havia ainda suspeitas mútuas sobre programas nucleares. Imagine: uma bomba atômica para quê? Para se jogar em cima da belíssima Buenos Aires ou do nosso Rio de Janeiro.

Parece que estamos tratando de assuntos absolutamente dissociados entre si, mas há um inegável fio condutor entre a crise internacional, o enfraquecimento da posição americana e a caminhada do Brasil para se tornar verdadeiramente uma potência continental, dentro de um contexto regional que nos favorece. A América do Sul não se falava. Os países viviam uns de costas para os outros. Nas últimas duas décadas, o continente tomou outro rumo. Às vezes, fico com a sensação



de que não se atribui ao Mercosul sua devida importância histórica. Há um foro onde os países podem conversar e levar seus problemas. De tudo que vi em tantas décadas de vida diplomática, essa foi uma das transformações históricas mais extraordinárias.

O Brasil, felizmente, não tem uma visão imperialista. Houve uma satisfação social, quase cultural pelo fato de que resolvemos os problemas de fronteira lá atrás. O que é um milagre! Nós temos o maior número de países contíguos do mundo e não enfrentamos um problema de fronteira. A visão brasileira do mundo é baseada nos valores culturais reais. Nossa maior diferença em relação ao mundo é que não existe ódio no Brasil, nem étnico, nem religioso. Não temos intenções malignas. Nunca foi do nosso pensamento dominar e extrair a riqueza do outro. Isso não está na nossa cultura e tampouco em nosso DNA. O Brasil é o único país que pode pertencer a qualquer grupo. Faz parte dos emergentes, da América do Sul, pode se reunir com o mundo árabe e negociar com Israel, sem qualquer sobressalto. Quantas nações podem circular com tamanha fluência, naturalidade e, sobretudo, representatividade pelo

mundo. O Brasil é absolutamente ecumênico, dentro, claro, das suas limitações. Ninguém exigirá que façamos uma mediação entre Palestina e Israel, se nem os Estados Unidos conseguem desatar esse nó. Mas não podemos abrir mão da nossa capacidade de liderança. Poder não se reivindica; poder se exerce.

Portanto, nada mais natural que o Brasil use sua liderança na América do Sul. Repito: este posto está vago. A maior potência do mundo está nas Américas, mas não usa seu poder *in loco*. Os Estados Unidos não querem saber de América do Sul, talvez exceção feita à Venezuela, por uma razão muito simples. O grande interesse estratégico americano é energia: gás e petróleo. Se alguém quer entender de política externa e, sobretudo, da gênese dos conflitos entre nações basta ver o traçado dos pipelines. O funcionamento geopolítico do mundo segue os dutos de gás e petróleo. Ora, por que o Afeganistão? Porque é a saída do petróleo da Ásia Central. O mesmo vale para todos os “quistões” resultantes do desmonte da União Soviética. Vejam o caso da América Latina. A celeuma dos Estados Unidos em relação à Venezuela se deve ao petróleo.

Olhemos para o próprio Brasil. Na hora em que se descobriu o pré-sal, a quarta frota da Marinha americana voltou. Ou seja: há um desinteresse dos Estados Unidos no que diz respeito à América do Sul, com exceções apenas aos potenciais fornecedores de petróleo e gás.

É o momento do Brasil. Somos a nona economia e há três países na frente que podemos passar em cinco anos – Espanha, Canadá e Itália. Em 10 ou 15 anos, temos todas as condições de sermos uma das cinco maiores economias do mundo. E os outros dois emergentes, China e Índia, em parte só estarão na nossa frente porque têm população de mais de um bilhão de pessoas. Muito obrigado, mas eu não quero isso para o Brasil. Vamos parar em 250 milhões de habitantes que será uma maravilha! Depois de 50 anos de vida pública, tudo que falamos e ouvimos está se concretizando. Acreditem e gozem. Se não tivermos esta autoestima, ninguém a terá por nós.

O que menos precisamos nesse momento é de deslumbramento. Temos de lidar com essa nova realidade, que nos coloca em uma posição extremamente privilegiada diante do mundo, de forma inteligente e sofisticada.

Um exemplo é a recorrente discussão em torno do tamanho do Estado. Tudo depende de quem controla o Estado e do resultado da sua participação sobre a economia. O Brasil felizmente se afastou das atividades diretas, industriais. Não precisa mais da CSN ou da Vale. Ressalte-se que sou uma pessoa nacionalista, com inclinações estatizantes. Digo isso com muita tranquilidade porque minha formação é de funcionário público. Mas acho que uma economia dominada por empresas está ultrapassada. Em contrapartida, o Estado regulamentador e garantidor de investimentos é imprescindível. Nesse caso, a diferença fundamental do Brasil para os demais países da América Latina é o BNDES.

O BNDES ajudou a tocar o grande capitalismo brasileiro. O modelo tripartite adotado no governo Geisel foi preponderante para a formação de grandes grupos em setores-chave da economia. A burguesia capitalista brasileira não existia; era uma ficção científica! Quem tocaria o grande projeto de crescimento industrial se não fosse o Estado? No caso da petroquímica, por exemplo, criou-se, então, o sistema do terço, reunindo BNDES, Petrobras

e grupos nacionais. A alternativa – o modelo binário, baseado na composição entre o Estado e um investidor estrangeiro – já estava, na ocasião, saturada. Foi um acerto econômico e geométrico: o tripé é uma forma muito mais estável e seguro do que qualquer construção com apenas duas pernas. Passados tantos anos, o BNDES se tornou uma potência, maior, inclusive, do que o Banco Mundial. Precisamos dizer em voz alta: o Brasil tem o maior banco de desenvolvimento do mundo.

Ainda na análise da importância do Estado brasileiro, passemos para o sistema bancário. Como negar a importância do Banco do Brasil para o financiamento agrícola, uma das principais atividades econômicas do país? O mesmo se aplica à Caixa Econômica na área habitacional. Os números da Caixa no crédito imobiliário são impressionantes. Quem ou que instituição cumpriria esse papel de forma tão intensa e duradoura se não um agente oficial? Vamos mais além: que país no mundo tem um sistema regulador de liquidez similar à ação conjunta do BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal? Perguntem aos americanos

se eles não gostariam de contar com uma trinca dessas no alvorecer da crise dos *subprimes*.

O papel vital do Estado para o crescimento econômico passa também pelas suas políticas sociais. Quem as chama de assistencialistas ou de compensatórias por certo deve estar achando que o Brasil vai acabar amanhã. Muitas dessas ações, logicamente, não foram criadas no governo Lula; são parte de um processo. Mas o fato é que aconteceram agora. Os programas sociais estão criando uma garantia de mercado interno para os próximos 50 anos. As ações sociais feitas no Brasil nos últimos anos formam o trampolim que nos permitirá ultrapassar o índice de Gini dos Estados Unidos. O Brasil havia abandonado por completo os projetos de transferência de renda e isso só foi resgatado agora com o Bolsa-Família. Com R\$ 100 por mês é possível mudar o curso da vida de uma importante parcela da população. São R\$ 11 bilhões por ano, um valor ínfimo se comparado ao seu efeito multiplicador. Há alguns anos não se vê uma imagem de uma criança de barriga grande no Brasil. E o que não falta é fotógrafo doido para tirar este retrato.

jorio@dauster.com